



**O ADOLESCENTE E SEUS RELACIONAMENTOS ENTRE IGUAIS
NO CENÁRIO DA COVID-19**

Camila Leidens Moraes

Caxias do Sul, 2022

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**O ADOLESCENTE E SEUS RELACIONAMENTOS ENTRE IGUAIS
NO CENÁRIO DA COVID-19**

Trabalho elaborado como requisito parcial de avaliação e aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul, sob orientação da Profe. Dra. Tânia Maria Cemin.

Camila Leidens Moraes

Caxias do Sul, 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela minha vida e por me ajudar nos momentos de dificuldades a encontrar forças em mim mesma para ultrapassar esses obstáculos com sabedoria e determinação, me ajudando a lembrar dos motivos pelos quais escolhi percorrer este caminho.

Aos meus pais e irmãos, agradeço por todas as vezes que foram meus alicerces e minha proteção. Foram fundamentais para que eu pudesse estar onde estou, com amor e apoio incondicional em todos os dias da minha vida. Meu amor e minha gratidão por estarem ao meu lado!

Ao meu parceiro, pessoa pela qual me acompanhou todos os dias durante a graduação, enfrentando juntos diversas adversidades da vida e, com leveza e bom humor, soubemos encarar os desafios e chegar onde chegamos. Tiveram dias difíceis, em que mesmo diante da vontade de desistir, tu foi capaz de usar as palavras certas nos momentos certos. O teu apoio foi fundamental para que eu estivesse aqui hoje. Muito obrigada!

Aos meus amigos, que foram fonte de alegria e risadas quando eu mais precisei. Vocês são únicos e não é atoa que nos denominamos “família”, pois fazem parte do meu crescimento e sem o apoio de vocês eu não conseguiria. Obrigada por serem quem são!

Aos meus colegas e companheiros de caminhada profissional, agradeço pelas palavras de incentivo, pela ajuda e pelo cuidado comigo em todos os dias. Aos meus chefes, minha gratidão por terem apostado comigo nessa jornada. Me fizeram acreditar mais em mim!

A minha psicóloga, pessoa pela qual usou com maestria suas palavras para ser meu refúgio ao lugar dos meus maiores medos, e me fazer enfrentar com força e coragem os desafios que é viver. Minha gratidão!

Um agradecimento mais que especial para minha orientadora, Profa. Dra. Tânia Maria Cemin, que foi capaz de me mostrar que era possível, fez o processo se tornar mais leve e não soltou minha mão em momento algum. Minha admiração pela profissional e pessoa excelente que és, sou grata por te ter como mestra e ter aprendido tanto contigo!

Por fim, agradeço à Universidade de Caxias do Sul, por ter sido um espaço de aprendizagem e aperfeiçoamento, foi lá que conheci os professores que me inspiram todos os dias na busca por ser uma profissional cada vez melhor.

*“Somos o resultado dos livros que lemos, das viagens
que fazemos e das pessoas que amamos.”*

Airton Ortiz

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
OBJETIVOS.....	9
Objetivo Geral.....	9
Objetivos Específicos.....	9
REVISÃO DE LITERATURA	10
1. Adolescência.....	10
1.1 O papel dos relacionamentos e a importância dos grupos.....	14
2. Cenário da Covid-19.....	18
MÉTODO	23
Delineamento.....	23
Fontes.....	23
Instrumentos.....	25
Procedimentos.....	25
Referencial de análise.....	26
RESULTADOS	27
DISCUSSÃO.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Fontes.....	24
Tabela 2. Categorias e recortes de trechos dos artigos analisados.....	27

RESUMO

Nos últimos dois anos temos vivido de forma intensa uma pandemia que iniciou no final do ano de 2019, na China. A pandemia causada pelo vírus *Sars-CoV-2* (Covid-19) tem impactado milhares de vidas ao redor do mundo. Algumas medidas foram tomadas com a intenção de conter a disseminação do vírus, como o afastamento social. Com isso, alguns estudos que mostram um aprofundamento sobre a temática tornam-se relevantes para a compreensão do impacto social dessa e de outras medidas, com foco na fase do desenvolvimento da adolescência, para que possa ser identificadas possíveis alterações e repercussões nos relacionamentos entre adolescentes no cenário da Covid-19. Assim, o presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivos específicos caracterizar aspectos fundamentais da fase evolutiva da adolescência, descrever sobre o papel dos relacionamentos e a importância dos grupos na adolescência e apresentar o cenário da Covid-19, quanto às restrições e implicações. O método utilizado foi uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, que utilizou como fonte o mapeamento, descrição de estudos e organização de dados extraídos de artigos científicos que foram organizados em tabelas. Os artigos possibilitaram a oportunidade de compreender melhor sobre a fase do desenvolvimento da vida do adolescente relacionando com o período que se vive atualmente. Como referencial de análise foi utilizado a proposta de análise de conteúdo de Lavee e Dionne, com categorias definidas *a posteriori*, modelo aberto e com a estratégia de emparelhamento. Foi realizada análise dos trechos, separados em três categorias: ambiente domiciliar, saúde emocional do adolescente e mudança nas relações sociais entre iguais. Após emparelhamento com aspectos teóricos, foi possível identificar que as medidas de contenção de disseminação do vírus da Covid-19 tiveram impacto social nos relacionamentos entre adolescentes. Considera-se que houve prejuízos para a evolução dessa fase de vida, tanto para saúde mental como física, sendo necessário o passar do tempo para verificar se os adolescentes conseguirão dar conta de forma satisfatória dessa vivência ou não.

Palavras-chave: adolescência, Covid-19, relacionamento entre iguais.

INTRODUÇÃO

A partir das perspectivas abordadas ao longo da trajetória acadêmica e, vinculadas ao meio social no qual nos encontramos atualmente, com muitas questões relacionadas ao cenário da pandemia causada pelo vírus *Sars-CoV-2*, Covid-19, o problema de pesquisa surgiu do interesse em compreender melhor acerca de uma fase do desenvolvimento tão importante da vida, a adolescência, que precisou ter as relações sociais barradas por meio do isolamento social na tentativa de evitar a disseminação do vírus. Com isso, surgiram questionamentos acerca de como os adolescentes estão se relacionando, principalmente em função das diferentes formas de readaptação que possam ter surgido em necessidade do período que estamos vivendo.

Também, falar de saúde mental como um todo é sempre um assunto relevante e que merece atenção, principalmente relacionado ao momento diferenciado que obriga o ser humano viver dessa forma única, nunca imaginada, experienciando novas composições nos relacionamentos. Assim, o propósito deste trabalho é compreender mais acerca das relações sociais entre os adolescentes no período da pandemia, estabelecendo comparações entre relações consideradas saudáveis para esta etapa do desenvolvimento e como isso está acontecendo no período da pandemia.

Com a definição da temática e o interesse em entender melhor os relacionamentos entre os adolescentes em meio à pandemia, um assunto relativamente novo, já que a pandemia da Covid-19 tem duração aproximada de dois anos, será realizada uma pesquisa a fim de verificar estudos relacionados ao comportamento adolescente em meio à situação atual. Além disso, evidencia-se o que é esperado nessa fase do desenvolvimento, o papel dos grupos e como tudo isso se desenvolveu neste período atual, considerando-se possíveis interferências na constituição de sujeito, a partir dessas vivências na fase adolescente.

A pandemia do coronavírus tem se tornado uma grande problemática, sendo discutida e abordada em todo o mundo, principalmente com o aumento de casos que rapidamente se tornou uma emergência de saúde pública (Zhai, em Holanda, 2020). Com isso, pode-se identificar que há autores que já abordam sobre as preocupações em relação à saúde mental dos sujeitos. Wang et al. (em Schmidt, Crepaldi, Bolze, Neiva-Silva e Demenech, 2020) revelaram sintomas moderados a severos de ansiedade, depressão e estresse, relacionados à pandemia. Assim também como Cluver et al. e Ornell et al. (em Schmidt et al., 2020) confirmaram que a pandemia do coronavírus, em função da mudança nas rotinas e nas relações familiares, tiveram impacto na saúde mental e no bem-estar psicológico.

Na adolescência, uma fase marcada por transformações fisiológicas, psicológicas, comportamentais e sociais, vinculadas à busca pela identidade, dúvidas e descobertas, em que os meios de interação são intensificados, compreende-se que há um fator de introdução das tecnologias, como o uso da internet – e redes sociais – como formas rotineiras de comunicação entre os jovens (Beserra et al., 2016).

Dentro da questão de saúde mental, também é importante considerar o medo que vem junto com a pandemia, tanto pelo fato de ser contaminado pelo vírus, ou que pessoas próximas fiquem doentes, já que sobre a Covid-19, sua origem, natureza e curso, ainda há pouco conhecimento. Assim, com esse cenário, considera-se importante pensar sobre o sujeito na adolescência, uma vez que passa por diversas transformações psíquicas, sendo este um dos estágios do desenvolvimento de certa turbulência, construções e desconstruções contínuas. Nesse momento evolutivo, as mudanças psicológicas produzem e levam a novas relações com os pais e com o mundo. Muitas vezes, o adolescente precisa do outro para ajudar no seu processo de identificação consigo mesmo e superação das etapas, pois flutua entre relações de dependência e independência, caracterizando a fase adolescente (Aberastury & Knobel, 1981). Essas relações, tema que será abordado ao longo do trabalho, pode ser um desafio no período da pandemia, sendo o isolamento social uma das principais medidas para o controle da disseminação do vírus, por isso, o problema de pesquisa deste estudo refere-se a: quais as possíveis alterações e repercussões nos relacionamentos entre adolescentes em função do cenário da Covid-19?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Identificar possíveis alterações e repercussões nos relacionamentos entre adolescentes no cenário da Covid-19.

Objetivos Específicos

Caracterizar aspectos fundamentais da fase evolutiva da adolescência.

Descrever sobre o papel dos relacionamentos e a importância dos grupos na adolescência.

Apresentar o cenário da Covid-19, quanto às restrições e implicações sociais.

REVISÃO DE LITERATURA

1. Adolescência

"A palavra adolescência vem do latim *adolescere*, que significa crescer" (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvaes, 2010). É caracterizada pelo lazer, valorização do social, do tempo ocioso e dos questionamentos que fazem com que o jovem marque sua presença no contexto familiar, escolar e inserção no mercado de trabalho (Cruz, 2018). Essa fase evolutiva da adolescência apresenta fatores intrínsecos que estão vinculados à personalidade do adolescente, os quais determinam as manifestações do comportamento, auxiliando a compreender alguns problemas psiquiátricos e psicopatológicos advindos dessa fase da vida (Aberastury & Knobel, 1981). O adolescente, segundo os autores, passa por desequilíbrios e instabilidades psíquicas intensas, o que o faz denominar de "síndrome normal da adolescência", podendo ser considerada perturbada e perturbadora para o universo adulto, mas muito necessária, pois é a partir desse processo que o adolescente organiza sua identidade.

Tomio e Facci (2009) explicam que, de modo geral, o conceito de adolescência, na Psicologia, tem sua marcação no histórico em que os indivíduos estão inseridos. A adolescência foca em elementos que são de transformação física (fase da puberdade) e vinculados a várias mudanças comportamentais, muitas vezes também aos comportamentos negativos. Essa depreciação acontece, segundo os autores, uma vez que as características negativas desse período resultam das mudanças físicas que não são bem compreendidas inicialmente. Assim, acabam por desencadear distúrbios de conduta que acontecem pela falta de maturidade emocional dos adolescentes.

Para Aberastury e Knobel (1981), "o adolescente isolado não existe, como não existe ser algum desligado do mundo, nem mesmo para adoecer" (p. 10). Assim, há muitas mudanças, dentre elas algumas de cunho patológico envolto dessa faixa etária, sendo que se referem a resultados de conflitos do adolescente com a realidade, seja pelas suas estruturas psíquicas ou pela manipulação das mesmas frente ao mundo exterior. Tornando-se assim, a fase adolescente apta para sofrer os impactos da realidade frustrante. Com isso, os autores acreditam que as influências advindas do externo vão ser determinantes para a forma de expressão do sujeito, mas que não poderá ser condicionada toda a realidade biopsicológica desse processo ao meio externo. Assim como os autores Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e

Silvares (2010) confirmam que “a adolescência é uma época de grandes transformações, as quais repercutem não só no indivíduo, mas em sua família e comunidade” (p. 227).

A adolescência é um passo crucial no processo de transformação do adolescente em um adulto produtivo e maduro (Erikson, 1972). Essa fase da adolescência é o caminho para entrar nesse mundo adulto, o que significa, para o adolescente, a perda concreta da sua condição infantil, momento crucial do ser humano num processo de desprendimento que se inicia no nascimento. Nesse processo, as mudanças psicológicas que são produzidas, também com relação às mudanças corporais, resultam numa relação nova com os pais e com o mundo. E, só é possível que isso aconteça, quando é elaborado, mesmo que devagar, o luto pela fase infantil, também na relação com os pais. O adolescente precisa de uma adaptação para adquirir uma ideologia e identidade no mundo (Aberastury & Knobel, 1981).

O adolescente, do ponto de vista da psicanálise, é um sujeito em vias de transformação, imerso em um processo profundo de revisão de seu mundo interno e de suas heranças infantis, visando a adaptação ao novo corpo, às novas pulsões decorrentes da puberdade. (Eizirik & Bassols, 2013, p. 163)

Em relação a uma perspectiva histórica, Oliveira (2006) revela que a categoria de adolescência na psicologia do desenvolvimento apresenta uma alteração de conceitos, ou seja, em alguns momentos o adolescente foi visto como ser dominado por paixões e tormentas e, em outros, um sujeito com racionalidade completa. Identificada como uma das primeiras obras a falar sobre a temática da adolescência em Psicologia, Oliveira (2006) retoma Stanley Hall (1904). Nesta obra, o autor explica que o período é representado por grandes emoções e estresse, no qual resultam em irritação, excitação, com alternância em situações depressivas. Pode-se traçar um parâmetro com o que Aberastury e Knobel (1981) consideram sobre esse período, enfatizando que ocorre uma flutuação entre relações de dependência e independência extremas que, somente mais tarde, com maturidade, permitirá ao adolescente compreender e aceitar que ser independente precisará também de dependência. Contudo, o sujeito adolescente será movido entre o impulso e o desprendimento, além do medo de perder o que já lhe é conhecido. O meio familiar e social será caracterizado por períodos de contradições, confusões e dores, que são frequentemente interpretados como crises e estados patológicos. Quiroga e Vitalle (2013) explicam que o adolescente passa por uma fase de instabilidade que, o que mais se busca, é a posição de protagonista social, que encontrará a criação da identidade facilitada pelo reconhecimento de outro adolescente. Hoje, segundo Schoen-Ferreira et al. (2010), a fase do

desenvolvimento da adolescência passou a ter sentido em si mesma, não sendo mais reconhecida como somente uma preparação para a vida adulta.

Quando o adolescente se torna capaz de aceitar, tanto seus aspectos de criança, em mudança, como os de adulto, em construção, será possível começar assimilar as alterações e o surgimento de uma nova identidade. Diante do mundo externo, frente a diferentes pessoas, o adolescente apresenta diversos personagens, que podem dar diferentes e contraditórias versões sobre sua maturidade (Aberastury & Knobel, 1981). Alinhado ao que os autores referem, Oliveira (2006) considera a adolescência como a quinta crise normativa, que é definida pelo conflito entre identidade e ampliação de papéis.

Além desses aspectos, Aberastury e Knobel (1981) evidenciam a importância dos fatores socioculturais na determinação expressiva dessa etapa de vida, enfatizando que todo fenômeno humano tem sua exteriorização característica dentro de um marco cultural-social em que o mesmo se desenvolve. Para complementar, os autores afirmam que “não há dúvidas de que o elemento sociocultural influi com um determinismo específico nas manifestações da adolescência, mas também temos que considerar que atrás dessa expressão sociocultural existe um embasamento psicobiológico que lhe dá características universais” (p. 25). Em Erikson (1972), o autor também sugere que o ambiente participa da construção da personalidade do indivíduo.

Na adolescência, o sujeito passa por momentos de desequilíbrio e instabilidades extremas. No meio cultural, há períodos alternados entre introversão, audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse e apatia que podem suceder ou ser concomitantes com conflitos de fundo afetivo e até crises religiosas, intelectualizações e de condutas sexuais (Aberastury & Knobel, 1981). Para Schoen-Ferreira et al. (2010), as exigências e comportamentos dos adolescentes são compostos pelas variáveis que podemos encontrar nas culturas de diversas épocas.

Em resumo, Aberastury e Knobel (1981) exemplificam algumas sintomatologias que caracterizam a adolescência, na qual existem a busca por si mesmo e pela identidade, uma tendência aos relacionamentos em grupo, necessidade em usar o intelecto e a fantasia, relacionamento conflituoso com a religião - podendo oscilar entre ateísmo e crença fervorosa, pensamento com características primárias, amadurecimento da manifestação sexual, envolvimento social intensificado - seja anti ou associativos, muitas manifestações contraditórias na forma de conduta - ação como principal forma de expressão, processo de separação dos pais e oscilações de humor.

Miriam (2006) confirma que a adolescência é caracterizada por um período de vulnerabilidade física, psicológica e social, que resultam em mudanças complexas nesse período do desenvolvimento. Nessa fase, o adolescente, a família, os amigos e os profissionais que convivem com ele passam a ter comportamentos e emoções não antes sentidos, resultado das modificações físicas, cerebrais, emocionais, sociais e sexuais que acontecem junto com as modificações estruturais, físicas, mentais e emocionais. Por ser este um período de extrema vulnerabilidade, o adolescente precisará de ajuda para lidar com situações e problemas que podem ser provocadores de danos e agravos à saúde. Segundo Formigli, Costa e Porto (2000), a adolescência começa no período da puberdade, com as mudanças corporais, e finaliza quando o sujeito é inserido no meio social, profissional e econômico na sociedade adulta. Em Schoen-Ferreira et al. (2010), é “na puberdade que ocorrem mudanças orgânicas que tendem à maturação biológica adulta com dimorfismo sexual e capacidade reprodutiva; e, na adolescência, há adaptação às novas estruturas físicas, psicológicas e ambientais” (p. 227-228).

Existe, no adolescente, uma diversidade de grupos, atitudes, comportamentos, gosto, valores e filosofia de vida (Schoen-Ferreira et al., 2010). Na sociedade atual, repleta de violência e riscos, os adolescentes, por disporem de liberdade e diversidade de ação, estão expostos a esses riscos, principalmente por não ter o preparo devido para desfrutarem dessa liberdade. Nessa fase, eles dependem muito do ambiente familiar e escolar, que devem colaborar na formação do indivíduo, sendo ainda muito tímida a forma como acontece em nosso meio (Davim, Germano, Menezes & Carlos, 2009). Oliveira (2007) confirma que a família tem papel importante na construção da vida do adolescente. É nesse ambiente que, por excelência, é o lugar de construção da sexualidade dos jovens, sendo de extrema importância o modo como as famílias administram essa temática junto com os adolescentes, além de assuntos como religião e questões de gênero. O ambiente familiar deve promover a proteção, segurança, afetividade e relação de igualdade. Em lares sem estrutura, os adolescentes ficam suscetíveis à vivência de sofrimento.

Compreende-se também, a partir do ECA, que a criança e o adolescente ainda se encontram em fase de desenvolvimento biopsicossocial (Aun, Morato, Noguchi & Nunes, 2006). Davim et al. (2009) consideram que esse desenvolvimento biopsicossocial e cultural sofre diretamente com influência da família e companheiros, sendo o fator com maior poder para determinar o comportamento e a pressão sobre os grupos de pares nesse período. Esse aspecto se alinha ao que Schoen-Ferreira et al. (2010) afirmam que são a partir das experiências vividas pelo adolescente, durante a sua vida, que irão caracterizar suas individualidades, mesmo tendo características compartilhadas por outros jovens.

1.1 O papel dos relacionamentos e a importância dos grupos

O adolescente, segundo Aberastury e Knobel (1981), muitas vezes se coloca como encarregado dos conflitos dos outros e assume os aspectos doentios do meio em que vive, sendo possível ver, na sociedade, a projeção de suas próprias falhas nos excessos do adolescente, culpando os jovens pelas suas delinquências. O adolescente apresenta ser vulnerável para assimilar esses efeitos projetivos de pais, irmãos, amigos e sociedade como um todo.

As modificações corporais que não podem ser controladas como sinal do mundo externo, necessitam do adolescente novas regras de convivência que, no começo, são como uma invasão. As mudanças que o fazem perder sua identidade de criança, resultam na busca de uma nova identidade, construída num plano consciente e inconsciente (Aberastury & Knobel, 1981). Segundo Ciampa (1990), a identidade passa por um processo de transformação que se concretiza através das relações sociais que o indivíduo estabelece ao longo da sua vida, denominado de metamorfose, pois a transformação é permanente no indivíduo.

Segundo Bulgacov, Ribeiro, Cobalchini, Souza e Diório (2001), a influência dos aspectos sociais mais abrangentes manifesta-se nas relações mais próximas que os adolescentes estabelecem com pessoas que lhes são importantes. Os grupos são influentes nessa etapa de vida quando se trata da definição de normas e valores que vão contribuir para a construção da identidade pessoal, pois isso envolve tanto a identificação como a diferenciação em relação ao grupo. Formigli et al. (2000) ressaltam que programas sociais voltados à saúde do adolescente também devem considerar a dimensão social e coletiva, que envolvem as diferentes realidades do cotidiano dos adolescentes e o contexto no qual estão inseridos.

Os grupos, segundo Sheldon e Bettencourt (em Bueno, Strelhow & Câmara, 2010), podem ser definidos em dois tipos: grupos formais e informais. Os grupos formais são aqueles em que são formalmente estabelecidos, que têm objetivos traçados, encontros previamente regularizados, com estrutura e normas, assim como expectativas sobre os membros. São apresentados como exemplos os grupos de escoteiros, de dança ou até mesmo grupos de jovens vinculados a instituições religiosas. O segundo tipo de grupo, os informais, não são tão definidos, tem como base o vínculo de amizade, organização relacionada a estudos ou interesses em comum. É a partir do relacionamento do indivíduo com o grupo que, quando atribuído algum nível de importância, isso estará relacionado a sua autoestima, conforme apresenta Sarriera, Schwarcz e Câmara, em Bueno et al. (2010).

Segundo Barros, Gropo, Petribú e Colares (2008), no período da fase adolescente a satisfação com a vida está vinculada aos aspectos relacionados aos itens comunitários e econômicos, experiências escolares e suas relações com familiares e pares. E é, segundo Locatelli, Bzuneck e Guimarães (em Bueno et al, 2010), na busca por uma realização de exigência psicossocial e pessoal que os adolescentes são influenciados por seus grupos de referências, podendo gerar contribuições que sejam consideradas positivas ou até mesmo levar a maiores indecisões.

Brun (2007) explica que a amizade, bastante relevante para a adolescência, corresponderá a uma necessidade que o adolescente tem do encontro com o outro, e que isso, segundo a autora, sempre esteve presente nas civilizações, apesar de características diferentes a depender da cultura e/ou época. Segundo Rubin, Bukowski e Parker (em Ferreira et al., 2013), na pré-adolescência pode-se observar um aumento significativo nos grupos de pares e nas interações sociais entre eles. Cooley, Hartup, Veríssimo e Santos (em Ferreira et al., 2013) preocupam-se que o retraimento social pode se tornar um aspecto inquietante quando se refere ao processo de desenvolvimento, dada a importância das interações sociais no período da adolescência.

Bueno et al. (2010) revelam que a rede de apoio social é importante para dar suporte no enfrentamento das mudanças recorrentes do ciclo vital e situações estressoras, mas principalmente na fase da adolescência, pois ajuda a estruturar o entendimento sobre os fenômenos que estão presentes no contexto de vida do ser humano e auxilia no direcionamento para o futuro.

Segundo Oliveira (1997), na escola os grupos vão começar a se formar, pois este é o local onde é comum aos adolescentes, apesar de obrigatório. A autora compara a escola à “praça pública” que, além dos conhecimentos previamente sistematizados para acontecer, é onde outros tipos de conhecimentos e situações são vivenciados, trazidos do externo, que permitem ao indivíduo viver e sentir o coletivo. Também, segundo a autora, o grupo familiar é o primeiro grupo no qual a pessoa se desenvolve. A partir da estrutura familiar, está a base da formação cultural, social e psicológica, pois é quem pode determinar uma forma de modelo a ser seguido. É através desse grupo primário que o sujeito tem seu aprendizado progressivo de como viver em sociedade, internalizando normas do meio. Já o grupo de amizades é resultado da escolha dos sujeitos e da tentativa de se deslocar do grupo familiar, seguindo na direção de um novo modo de vida.

Nesta fase, o adolescente faz a tentativa de desvincular-se do ambiente familiar. Os pais da infância, com os quais estabeleciam um tipo de identificação, pois eles

determinavam o modo infantil, já não atendem às solicitações do adolescente que sente a necessidade de diferenciar-se não somente dos membros de sua família, mas também das imposições da cultura na qual cresceu. (Oliveira, 1997, p. 12)

Na adolescência, segundo Oliveira (1997), é a formação dos grupos de amizade que vão ser responsáveis por fazer a passagem do que é controlado pelos pais, algo que lhes fazia parte na infância dos filhos, para a vida adulta, junto de todas as responsabilidades que fazem parte dessa fase. Os adolescentes fazem parte de outros grupos, porém, é no grupo de amizades que se descobrem as afinidades e diferenças, sendo este grupo responsável por descobrir a maior parte dos prazeres uns com os outros, que vai desde o toque, o olhar, o sentir, no sofrimento, na alegria e nas diferenças sociais que se revelam no coletivo, conforme relata a autora.

Segundo Miriam (2006), o adolescente que está inserido em um grupo de pares, demonstra um comportamento saudável e, ao contrário disso, pode caracterizar problemas, incluindo a depressão. É na escola que essa adaptação com os grupos facilita o sentimento de gostar do ambiente escolar do qual pertence. E é de acordo com as características de cada grupo que os adolescentes vão se encontrando. Locais como a escola, o clube, a igreja e as lanchonetes, podem ser facilitadores de apoio aos grupos de adolescentes. Também se os encontros acontecem na casa de um dos adolescentes do grupo, pode-se perceber como uma boa aceitação por parte da família, como do grupo de amigos.

Segundo Davim et al. (2009), o interesse do jovem tem-se voltado cada vez mais para fora de casa, para atividades com os seus grupos de pares, demonstrando uma aversão ao convívio familiar, diminuindo o tempo de contato mais íntimo com os seus familiares. É nesse momento que se identifica adolescentes mais silenciosos, pensativos e não dando satisfação sobre sua vida e suas atitudes. Permitem assim, serem incompreendidos pelos adultos, o que lhes é motivo de sentimentos ambivalentes de sofrimento e desejo, oscilando em sentir-se único, complexo e especial para desamparado, confuso e só. Ainda assim, a família é o grupo que representa o suporte de vida, apesar de existir, por vezes, uma convivência com uma experiência não positiva. Segundo Cardoso e Cocco (2003), o sujeito na adolescência precisa do apoio familiar e dos amigos como forma de ajuda para conseguir enfrentar problemas relacionados às transformações biológicas e dos riscos que são expostos no dia a dia.

Fazendo referência às experiências não positivas na vida familiar, Draibe (1994) considera que os distúrbios, problemas comportamentais e transtornos são influenciados a partir do ambiente familiar, que também sofrem influência ao decorrer do seu

desenvolvimento de problemas advindos da situação econômica, nível de escolaridade, problemas de saúde, causas genéticas, da cultura e outros. Segundo Oliveira (1997), o grupo de pares é a opção que o adolescente encontra para “fugir” do ambiente familiar e tem a possibilidade de criar um outro ambiente onde todos podem exercer a liberdade de expressão. No grupo, a união pode ser encontrada a partir do compartilhamento das mesmas ideias, já que, para os adolescentes, o que mais importa é a mesma forma de pensar e ter algo que consideram comum entre eles, como conceito de família. Quando há ruptura do adolescente com os pais, no processo de crescimento do sujeito, ele tem a possibilidade de viver experiências não antes conhecidas, no grupo, modificando o que já lhe é conhecido, no âmbito das suas emoções, pois no ambiente grupal das amizades é que a liberdade e a afetividade irão encontrar uma forma mais explícita de manifestação (Oliveira, 1997).

Em situações de sofrimento psicoemocional há uma relação com a baixa autoestima de jovens que a constroem na relação com os outros desde o início da vida. E, para além disso, a autoestima é dinâmica e está relacionada a atitudes e valores sociais, possibilitando ao adolescente um modelo a partir do qual o sujeito vai olhar para si mesmo, resultando em sentimentos e aprendizados (Vitiello, 1997). A busca do prazer para compor a felicidade imediatista do adolescente tem, como um dos principais motivos, encontrar amigos (Davim et al., 2009). Em referência à amizade, pode-se encontrar na literatura relatos da necessidade da amizade nesse período, como aborda Brun (2007), confirmando que não há certeza que tenha existido uma modificação nas formatações de amizade nos últimos séculos, mesmo com a forma modernizada com que os meios de comunicação se apresentam. Apesar de que hoje existe mais facilidade para que os encontros possam acontecer, com rápidos envios de mensagens. A amizade é uma necessidade essencial de encontro no outro, que é renovada ao longo da existência de cada sujeito, desde o começo das civilizações.

Ainda segundo a autora, a amizade é algo que é naturalmente buscada pelo consciente do sujeito, que encontra, nesse meio, a possibilidade de uma autonomia na forma de ser e de agir, desde os pensamentos, falas, até uma construção que só é realizada fora do ambiente familiar, previamente conhecido. Os comportamentos adolescentes que, por vezes, aproximam-se do exagero, buscam ressaltar as relações que são mantidas pelo amor e amizade, no contexto de identificação e da sua própria imagem (Brun, 2007).

2. Cenário da Covid-19

Nos últimos 40 anos foi possível perceber alguns surtos de doenças contagiosas que se tornaram mais frequentes e com alto poder de disseminação em territórios e populações. Assim, começou a surgir uma demanda que exige maior controle nas medidas sanitárias para o monitoramento desses micro-organismos. Um dos principais motivos é a expansão das fronteiras com maior circulação de pessoas e mercadorias, como fruto da expansão econômica global (Cruz, Cavalcante, Costa & Pinheiro, 2021).

Foram descobertas sete espécies de coronavírus que são capazes de infectar seres humanos. A espécie recém-descoberta (SARS-CoV-2) é semelhante à síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV) que foi responsável por surtos que ocorreram entre os anos de 2002 e 2003, na China. A doença que é causada pela SARS-CoV-2 recebeu o nome de “Coronavirus Disease 2019” ou, de forma simplificada “COVID-19” (Dal Pizzol, em Dias et al., 2020).

Em novembro de 2019 um grupo significativo de pessoas buscaram o serviço de saúde em Hubei, na China, com quadros graves de insuficiências respiratórias, necessitando de ventilação mecânica, ações emergenciais, isolamento e bloqueio da região (Garrido & Garrido, 2020). No mês seguinte, em dezembro de 2019, um surto de Covid-19 iniciou-se em Wuhan, capital de Hubei, na China, e rapidamente se espalhou pelo mundo todo (Szwarcwald et al., 2020). Em janeiro de 2020, na Europa (Itália e França) e nos Estados Unidos (EUA), os primeiros casos de Covid-19, doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, começaram a ser identificados (Bueno, Souto & Matta, 2021). Após a constatação da necessidade de medidas severas de Saúde Pública, a Organização Mundial da Saúde (OMS), recomendou aos países o isolamento dos casos e a quarentena nas comunidades. Com isso, para evitar uma sobrecarga do sistema de saúde, países adotaram medidas de restrição do contato físico e social, como o fechamento de escolas e estabelecimentos comerciais (Szwarcwald et al., 2020). A partir disso, iniciou-se um esforço mundial para buscar maior conhecimento sobre essa patologia, com métodos para um rápido e preciso diagnóstico e, principalmente, um tratamento farmacológico e de imunoprevenção (Garrido & Garrido, 2020).

Foi após o carnaval de 2020, na Quarta-feira de Cinzas, em 26 de fevereiro, que foi detectado o primeiro caso no Brasil: um homem branco, de 61 anos, que havia voltado de viagem da Itália para a cidade de São Paulo (Bueno et al., 2021). No Brasil, neste mesmo período, se registrou uma série de iniciativas e recomendações com o objetivo de proteção das pessoas. Nesse momento, registraram-se os primeiros óbitos causados pela doença,

fechamento de escolas, comércios não essenciais, vários trabalhadores passaram a desenvolver suas atividades de casa e algumas cidades e estados fecharam limites e divisas (Szwarcwald et al., 2020). Bueno et al. (2021) afirmam que “por sua escala global, a pandemia transformou o mundo em um grande laboratório em que diferentes processos estão sendo testados: novas formas de sociabilização, trabalho, educação, uso de máscaras e *face shields*, tratamentos médicos e vacinas.” Foi em março de 2020 que o ministro da saúde do Brasil tentou organizar as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), dando ênfase para as medidas de distanciamento social e quarentena (Bueno et al., 2021).

A pandemia do Covid-19, segundo Ferguson et al. (em Schmidt et al., 2020), em abril de 2020 já trazia um profundo impacto global, considerada a síndrome gripal mais severa desde 1918, com a influenza H1N1. Freitas, Napimoga e Donalisio (2020) descrevem que não havia planos estratégicos que estivessem preparados para serem utilizados na pandemia do Covid-19, pois tudo é considerado novo. Kampf et al. (em Oliveira, Lucas & Iquiapaza, 2020) explicam que a transmissão do vírus se dá de pessoa para pessoa, por meio da autoinoculação do vírus através do nariz, olhos ou boca e do contato com superfícies contaminadas, chamando atenção para a necessidade de proteção para impedir a contaminação de pessoas. Werneck e Carvalho (2020) explicam que o pouco conhecimento científico, a alta velocidade com que se dissemina o vírus e a capacidade de ser mortal para populações vulneráveis, resultam em dúvidas sobre a melhor estratégia para utilizar no enfrentamento de tal situação, em diferentes locais do mundo. No Brasil, além das situações citadas, ainda há desafios maiores, pois não se sabe acerca das implicações sobre a transmissão numa realidade de grande desigualdade social.

Werneck e Carvalho (2020) sugerem que, de forma esquemática e simplista, a resposta à pandemia poderia ser dividida em quatro fases: de contenção, para início dos registros de casos em um determinado país ou região, com rastreamento dos passageiros vindos do exterior, com o objetivo de não dar continuidade na transmissão comunitária. A segunda fase de mitigação inicia quando a transmissão já está instalada no país e, aqui, o objetivo é o de diminuir a transmissão para grupos de risco que apresentam quadros clínicos graves e isolamento dos casos confirmados. Essas medidas, conhecidas como “isolamento vertical”, diminuem o contato social. Além disso, ações de cancelamento de atividades que envolvam grandes eventos e outras atividades com circulação de pessoas, com o objetivo de “achatar a curva” da epidemia. A terceira fase de supressão entra em vigor quando as demais anteriores não são efetivas. Aqui, as medidas são mais radicais em relação ao distanciamento social de toda a população, com o objetivo de postergar ao máximo uma explosão do número de casos. Por último, a fase de recuperação, que visa uma reorganização da sociedade para

uma reestruturação social e econômica, quando há respostas de involução da doença e a diminuição do número de casos.

O isolamento social, como forma preventiva, foi imposto em lugares do mundo por governos, incluindo proibição de viagens, fechamento de fronteiras, proibição de entrada de estrangeiros e, ainda assim, as mortes acontecem. Os governos decretam o isolamento de pacientes que possam ser suspeitos de estar com a doença, fechamento de locais não essenciais e o não cumprimento pelas partes acabam por prejudicar as medidas preventivas, podendo, inclusive, acontecer o aumento de casos (Wendy et al., em Baptista & Fernandes, 2020).

O isolamento social é tido como uma medida, em que as pessoas são orientadas a permanecerem em casa ou saírem apenas pelo tempo estritamente necessário, como uma tentativa de impedir que o vírus siga se propagando pelo contato entre as pessoas infectadas e não infectadas que circulam por ambientes públicos e residências de parentes e conhecidos (Dias et al., 2020). Os resultados do isolamento social apresentaram expectativas quanto a efeitos psicológicos negativos, estendendo-se para consequências físicas e mentais em diferentes idades, em especial crianças e adolescentes, que foram impedidos de frequentar a escola e, com isso, passam a ficar mais tempo realizando atividades domiciliares e sedentárias (Lourenço et al., em Florêncio Júnior, Paiano & Costa, 2020).

Pode-se observar que existem vários fatores que podem contribuir para reações depressivas e ansiosas nas pessoas que se encontram em isolamento social. Nessa circunstância, percebe-se a falta de controle sobre o ambiente, pois em muitos casos o ambiente impossibilita ao sujeito saber o tempo em que essa crise será solucionada. Resultando assim, além do sentimento de incerteza, mudanças severas nos planejamentos futuros de cada indivíduo, distanciamento dos seus meios sociais - familiar, por exemplo - que influenciam diretamente para o desenvolvimento de sentimentos relacionados à ansiedade e depressão (Ramírez-Ortiz et al., 2020).

Segundo Cerqueira (2021), a disseminação da Covid-19 afetou, de forma diferente, estruturas sociais que compõem a sociedade brasileira, evidenciando ainda mais as desigualdades sociais existentes. Os impactos foram sentidos naqueles que se encontram nas situações de maior vulnerabilidade ou risco, como por exemplo, pessoas em situação de rua, com transtornos mentais, deficiências, moradores de favelas e periferias, população indígena, negra, ribeirinha, carcerária, trabalhadores informais, crianças e adolescentes.

Segundo a FIOCRUZ (2020), é esperado que os indivíduos, no período da pandemia, fiquem frequentemente em estado de alerta, mais preocupados, confusos e com a sensação de falta de controle da situação. É estimado que de metade a um terço da população venha a

sofrer de forma psicopatológica, caso não seja feita alguma intervenção de cuidado nessa situação específica. Entre vários fatores que estão sendo modificados com a pandemia, o impacto psicossocial está diretamente relacionado ao grau de vulnerabilidade que a pessoa se encontra no momento.

É importante reforçar que nem todos os problemas psicológicos serão qualificados como doenças, pois a maioria será considerado como reação esperada diante da situação da pandemia. Algumas características que estão relacionadas ao impacto da Covid-19 são, por exemplo, desconfiança nos protocolos de segurança, risco de ser infectado ou infectar, preocupação por crianças ficarem sem contato social e referências, sem a convivência nas escolas e distanciamento da rede socioafetiva. As reações mais comuns ainda incluem o medo de adoecer e morrer, perder pessoas próximas, ser excluído socialmente. Com isso, também são esperadas reações como irritabilidade, angústia e tristeza. No isolamento social podem se intensificar sentimentos como desamparo, tédio, solidão e tristeza (FIOCRUZ, (2020).

E assim, entende-se que a ação de se isolar socialmente em função da Covid-19 envolve diversas questões relacionadas a situações em que muitas pessoas nunca imaginaram vivenciar, principalmente aqueles que tinham uma rotina agitada, com muito tempo fora de casa, por motivações diversas, desde a necessidade de trabalhar, estudar e divertir-se, até uma fuga da realidade ou dos próprios relacionamentos. E, assim, de uma hora para outra, foi necessário acalmar o ritmo e enfrentar uma outra realidade, deparando-se muitas vezes com a ociosidade, saudade de familiares e amigos, convívio forçado e até falta de condições financeiras para suprir as necessidades básicas (Dias et al., 2020). Por isso, Oliveira et al. (2020) explicam que “reduzir a exposição ao vírus é necessário para controlar/retardar a propagação da doença e os impactos negativos, como o aumento da mortalidade e degradação do quadro econômico e social” (p. 11). Também os autores Garrido e Garrido (2020) confirmam que medidas que visam impedir a propagação da doença, com o objetivo de prejudicar a transmissão do vírus, são medidas como a restrição do contato interpessoal, a quarentena e o isolamento social. Assim, toda a sociedade precisa se envolver para a adoção das medidas de precaução frente a esse vírus, pois exige uma mudança tanto de comportamento individual, como coletivo, de forma imediatista e rígida.

A partir do entendimento de que há uma relação direta entre um corpo saudável e uma mente sã, ao mesmo tempo a mente doente também será reflexo de um corpo doente, Assim, pode-se afirmar que há um sofrimento no corpo biológico daquele sujeito que está passando pelo isolamento social, considerando que possa existir, inclusive, o surgimento de sintomas que se apresentarão no âmbito físico, desde hipertensão e taquicardia, até cansaços

físicos e dores diversas, tudo isso pelo simples fato de estarem vivendo confinadas dentro dos seus próprios lares (Dias et al., 2020).

Com isso, Dias et al. (2020) sugerem como medida de enfrentamento e busca pelo alívio dos sintomas que originam desse isolamento, buscar se envolver com outras atividades, além de manter atividades que possam ser realizadas em casa, conversas pelas redes sociais e evitem o contato frequente de notícias. Enfrentar a infecção da Covid-19 também envolve uma mudança de estilo de vida, buscando facilitar a vivência dessa realidade.

MÉTODO

Delineamento

O presente trabalho foi realizado com uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. Segundo Gil (2002), a pesquisa de cunho qualitativo tem dependência em diversos fatores, como a origem dos dados coletados, o tamanho da amostra, os instrumentos que serão utilizados na pesquisa e os pressupostos teóricos que serão norteadores da investigação. No qual, utilizou-se de uma sequência de atividades, com redução, categorização, interpretação dos dados e redação do relatório, com objetivo de compreender o fenômeno.

Com a justificativa definida, sobre a importância de um estudo sobre as relações entre os adolescentes no contexto atual da pandemia do Covid-19, o tipo de pesquisa foi exploratório. Conforme descrito por Gil (2008), será desenvolvido ideias para fornecer possíveis hipóteses, com a condução de procedimentos ordenados, para a identificação entre os fenômenos estudados.

E, além disso, foi utilizado o caráter descritivo para descrever as características de populações e fenômenos relacionados aos objetivos da pesquisa (Gil, 2008).

Fontes

Selecionou-se 9 artigos que oportunizaram realizar uma compreensão científica sobre essa fase do desenvolvimento de vida do indivíduo quanto aos seus relacionamentos entre iguais, no período da pandemia da Covid-19. A relação dos artigos é apresentada na tabela abaixo com suas respectivas referências. Os descritores utilizados para a pesquisa foram: isolamento social, pandemia da Covid-19, relacionamento entre adolescentes na pandemia. Foram utilizados como critérios para inclusão dos artigos abaixo, pesquisas que estivessem voltadas para os prejuízos da saúde mental no período do isolamento social, em relação a adolescentes e foram excluídos aqueles que tinham como objetivo falar somente de prejuízos físicos.

Tabela 1

Fontes

Número do artigo	Referência
1	Silveira Goldani Pinheiro, A. M. da ., Pacheco, P. M. de A., Campos, L. A. M., Behar, C. B. ., & Oliveira, T. M. A. de . (2022). Ansiedade e isolamento social na adolescência: como manejar?. <i>RECISATEC - Revista Científica Saúde e Tecnologia - ISSN 2763-8405</i> , 2(2), e2276. https://doi.org/10.53612/recisatec.v2i2.76 .
2	Santos, C. do . (2021). Covid-19 e saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais. <i>Revista Holos - ISSN 1807-1600</i> . DOI: 10.15628/holos.2021.11651.
3	Santos, L. C., Pinheiro, T. J. S., Andrade, T. I. X. de , Sousa, H. A., Braga, P. P. & Romano, M. C. C. (2021). Impactos psicossociais do isolamento social por COV Impactos psicossociais do isolamento social por Covid-19 em crianças, 19 em crianças, adolescentes e jovens: scoping review <i>scoping review</i> . <i>Revista de Enfermagem da UFMS</i> , v. 11, e73, p. 1-19, ISSN 2179-7692. DOI: 10.5902/2179769265407.
4	Silva, D. S. da, Schröder, N. T. . & Gedrat, D. C. (2022). Promoção da saúde mental: o atendimento de adolescentes com sintomas depressivos em uma clínica-escola. <i>Research, Society and Development</i> , 11(2), e50811225980. https://doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25980 .
5	Binotto, B. T., Goulart, C. M. T., & Pureza, J. da R. (2021). Pandemia da Covid-19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes. <i>Psicologia E Saúde Em Debate</i> , 7(2), 195–213. https://doi.org/10.22289/2446-922X.V7N2A13 .

-
- 6 Andrade, L., Mauch, A., Costa, J., Silva, K., Almeida, L., Araújo, S., Souza, S., Nunes, T., & Souza, V. (2020). A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por Covid-19. *Health Residencies Journal - HRJ*, 1(2), 44–61. <https://doi.org/10.51723/hrj.v1i2.12>.
-
- 7 Silva, W. C. da ., Silva, C. O. da ., Melo, K. C., Soares, A. N., et al. (2021). Explorando os impactos na saúde mental de crianças durante a pandemia de Covid-19. *International Journal of Development Research*, 11(4), p. 46248-46253, ISSN: 2230-9926. <https://doi.org/10.37118/ijdr.21683.04.2021>.
-
- 8 Alencar Rocha, M. F. de ., Veloso, W. G., Alencar Bezerra, R. E. de ., Almeida Gomes, L. de . & Lucena Marcolino, A. B. de. (2021). O impacto da pandemia do Covid-19 na saúde infanto-juvenil: um estudo transversal. *Brazilian Journal of Health Review*, v.4, n.1, p.3483-3497. DOI:10.34119/bjhrv4n1-271.
-
- 9 Santos, K. A. M., Miura, P. O., Melo Barboza, A. M. de. & Santos Lima Araújo, C. G. dos. (2022). Quais os significados sobre família em situação de pandemia para os adolescentes?. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 01, p. 193-203, ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.08222021>.
-

Instrumentos

A técnica utilizada para o mapeamento, descrição dos estudos e organização dos dados dos artigos foi com o uso de tabelas que, segundo Koller, Couto e Von Hohendorff (2014), devem aparecer de forma simples e clara, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor e alegue sua inclusão no trabalho.

Procedimentos

Os procedimentos para a elaboração do trabalho surgem desde a escolha da temática desenvolvida, até os materiais que foram utilizados ao longo de toda a análise e discussão,

como o estudo de artigos científicos. De forma inicial, foi realizada a escolha dos artigos científicos encontrados em diferentes bases de dados, como PePsic, *Scielo*, revistas científicas e livros, disponíveis que foram compatíveis com a temática escolhida, com leitura e releitura prévia para confirmação de que os mesmos são adequados para a análise, classificando-os conforme os assuntos abordados, utilizando os seguintes descritores para a pesquisa: adolescência, relacionamento entre adolescentes, os grupos na adolescência, Covid-19, consequências da pandemia na saúde mental, isolamento social e prejuízos nas relações entre iguais.

Com isso, após várias leituras dos artigos científicos e recortes de textos selecionados, estes foram agrupados em categorias. Assim, realizou-se uma análise de conteúdo com as informações selecionadas. Entende-se possível realizar uma compreensão em relação ao que é apresentado nos artigos científicos e ao que o contexto atual se apresenta, permitindo ao leitor um conhecimento mais completo das relações entre adolescentes do período atual.

Referencial de análise

O referencial de análise é o que se faz necessário para reconhecer o que é essencial em um material de análise, estudando e entendendo no detalhe o conteúdo, desmontando sua estrutura para esclarecer diferentes características e retirar sua significação (Laville & Dionne, 1999).

Para análise do conteúdo foi aplicada uma grande quantidade de materiais como objetos de investigação: atitudes, valores, representações, mentalidade, ideologias etc. Com isso, tornou-se possível a oportunidade de esclarecer fenômenos sociais (Laville & Dionne, 1999).

O material tem uma certa sequência de construção, de acordo com o material selecionado, tendo como seguinte a coleta e organização do conteúdo, com o objetivo de aproveitar o que melhor se tem no material, com seleção dos elementos por categorias, para classificação, análise e por fim, conclusão (Laville & Dionne, 1999).

A definição das categorias foi realizada *a posteriori*, a partir de um modelo aberto, permitindo alteração ao longo das escolhas das categorias, não fixadas inicialmente, com estratégia de emparelhamento para a discussão dos dados, categorias e trechos, permitindo traçar um parâmetro com a revisão de literatura (Laville & Dionne, 1999).

RESULTADOS

Inicia-se apresentando uma tabela com recortes de trechos dos artigos e suas respectivas categorias de análise.

Tabela 2

Categorias e recortes de trechos dos artigos analisados

Categorias	Trechos dos artigos
Categoria A - Ambiente domiciliar	<p>Trecho 1: “No período de quarentena, devido às medidas de isolamento adotadas diante da pandemia de COVID-19, os adolescentes tiveram suas atividades em hiato: escola, academias, estágios, cinemas, festas, entre outras. Dado o exposto acima, infere-se que os jovens estejam em ambiente domiciliar e com poucas atividades de lazer disponíveis, bem como sem atividades escolares. Neste sentido, acredita-se que muitos adolescentes estejam fazendo uso abusivo das redes sociais neste período de ócio” (Artigo 6, p. 7).</p> <p>Trecho 2: “Foi evidenciado ainda, que os sentimentos dos adultos interferem diretamente na saúde mental das crianças e adolescentes colaborando muitas vezes para seu adoecimento” (Artigo 7, p. 46253).</p> <p>Trecho 3: “Este artigo identificou e compreendeu os significados sobre família em situação de pandemia da COVID-19 para alguns jovens do Nordeste brasileiro. Observou-se mudanças nas relações familiares representadas pelos participantes da pesquisa, em face à situação de pandemia da COVID-19 que assola o país. Enquanto alguns adolescentes representaram que a pandemia ocasionou um distanciamento afetivo familiar, outros retrataram uma (re)aproximação entre os familiares, com a possibilidade de passar mais tempo com a família, o uso de tecnologias em conjunto e a alimentação como forma de (re)aproximar familiares nesse momento de quarentena” (Artigo 9, p. 201).</p>

Categoria B - Saúde emocional do adolescente

Trecho 4: “A presente revisão de escopo mapeou impactos psicossociais ocasionados pelo isolamento pela COVID-19 entre crianças e adolescentes. As repercussões psíquicas têm sido marcadas por quadros de depressão, ansiedade, medo, estresse e insônia, o que pode sinalizar para uma piora no bem-estar psicológico desta população” (Artigo 3, p. 14).

Trecho 5: “O presente estudo, teve como objetivo analisar os níveis de ansiedade, estresse e depressão de adolescentes no contexto da pandemia da COVID-19 e correlacionar os níveis de ansiedade, estresse e depressão com a percepção dos adolescentes sobre os impactos da pandemia em sua vida. Através da pesquisa, evidenciou-se indicadores de sintomatologia significativa relacionada à ansiedade, estresse e depressão, relacionadas com aspectos vivenciados no contexto da pandemia” (Artigo 5, p. 210).

Trecho 6: “Estudos longitudinais serão relevantes para acompanhar os efeitos, a longo prazo, do isolamento no desenvolvimento social e na saúde mental de crianças e adolescentes” (Artigo 3, p. 14).

Trecho 7: “Artigos mostram existir forte relação entre isolamento social e maior incidência de sentimentos como ansiedade e depressão na população de crianças e adolescentes” (Artigo 1, p. 6).

Trecho 8: “Sobre a busca pelo atendimento psicológico na clínica-escola, alguns adolescentes entrevistados informaram que já tiveram acompanhamento psicológico no início da adolescência, mas a maioria procurou ou foi encaminhada à clínica escola pela primeira vez, alguns devido à piora dos sintomas durante a pandemia de COVID 19, outros por já terem tentado suicídio” (Artigo 4, p. 5).

Trecho 9: “Este estudo permitiu observar o impacto da Covid-19 na saúde mental das crianças, onde os principais sentimentos vivenciados foram medo, tristeza, insegurança, raiva e tédio, e os principais sintomas de agravos à saúde identificados foram: irritabilidade, mudanças bruscas de comportamento e insônia” (Artigo 7, p. 46253).

Categoria C – Mudança nas relações sociais entre iguais

Trecho 10: “No caso da pandemia experimentada pelos jovens recentemente, o que se observa é um afastamento do convívio provocado por circunstâncias, logo um isolamento ativo, impedindo vivências importantes para o amadurecimento, a autoconfiança e a autoestima” (Artigo 1, p. 6).

Trecho 11: “Aqueles que originalmente já eram tímidos ou retraídos se aproveitaram dessa situação para se manter no anonimato e aqueles, que ao contrário, desejavam essa interação social ficaram frustrados e sem saber a melhor forma de proceder diante de tal condição” (Artigo 2, p. 6).

Trecho 12: “Considera-se que as mídias sociais oferecem diversas oportunidades para que os adolescentes mantenham o convívio social com seus grupos e pares, bem como para a realização das atividades educativas, atualmente empreendidas de modo remoto. Contudo, a aplicação da modalidade remota de estudos aplicação, para além das mazelas mentais que a pandemia de COVID-19 pode originar, parece reproduzir as assimetrias previamente existentes nas sociedades, entre aqueles com acesso à internet e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e os que não são favorecidos por elas” (Artigo 2, p. 11).

Trecho 13: “Nesse contexto, as principais alterações de comportamento observadas foram: aumento no uso de telas, irritabilidade, queda do desempenho escolar e prejuízo na rotina de sono, além do relato de sentimentos como tristeza e angústia. Fatores estes ocasionados devido à pandemia, em que as crianças e adolescentes tiveram uma brusca modificação em sua rotina com o fechamento da escola e ausência de contato físico com os amigos e a família extensa” (Artigo 8, p. 3494).

Trecho 14: “O aumento ou dependência do uso de telas ficou evidente. Precisa-se considerar que, se por um lado a tecnologia pode favorecer encontros virtuais a escassez de interações presenciais poderá limitar o desenvolvimento social do público infantojuvenil” (Artigo 3, p. 14).

Trecho 15: “Em relação às redes sociais durante a pandemia, veem-se muitos conteúdos relacionados à ansiedade causada pela pandemia.” (Artigo 6, p. 7).

DISCUSSÃO

A seguir, apresenta-se a discussão sobre as categorias elencadas a partir das seleções dos trechos dos artigos, conforme apresentado na tabela acima, possibilitando realizar uma integração entre os referenciais e conteúdos já abordados na revisão de literatura e as possíveis alterações e repercussões nos relacionamentos entre os adolescentes, no cenário da Covid-19.

No que tange à primeira categoria - ambiente domiciliar, foi possível identificar, através dos recortes dos artigos, que no período de isolamento social, as dificuldades no ambiente doméstico foram mais evidenciadas, facilitando o caminho para possíveis desentendimentos e problemas familiares no que tange ao âmbito relacional. Constatou-se, também, nesses artigos, que a frequência do convívio familiar pode ter sido prejudicial no desenvolvimento do desprendimento e independência que precisam começar a ser construídos na adolescência. Segundo Aberastury e Knobel (1981), o ambiente familiar é aquele caracterizado pelas contradições, confusões e dores que permeiam o desenvolvimento do adolescente no processo de individualização.

Ainda segundo os mesmos autores, o adolescente tende a ser aquele que carrega consigo os conflitos dos demais e, a partir de uma nova perspectiva, assume os aspectos não saudáveis do meio em que está inserido. No artigo 6, trecho 1, citado na primeira categoria, é possível identificar que os jovens que, durante o isolamento social, estiveram num ambiente domiciliar com recurso escasso de atividades de lazer e sem uma rotina organizada de atividades voltadas ao âmbito escolar, utilizaram, como estratégia, o uso intensificado das redes sociais para ocupar o tempo ocioso. No artigo 7, trecho 2, da primeira categoria, pode-se perceber que os sentimentos das pessoas adultas representam interferências na saúde mental de adolescentes, podendo colaborar para o seu adoecimento, principalmente quando há uma convivência forçada pelo isolamento social. Assim, presume-se que os adolescentes fazem uso de outras estratégias para afastar-se do convívio intenso familiar, já que, como afirmam Aberastury e Knobel (1981), o adolescente mostra-se ser vulnerável para assimilar efeitos projetivos de outros e da sociedade como um todo.

No artigo 9, trecho 3, após pesquisa realizada com jovens no Nordeste brasileiro, constatou-se que as relações familiares foram modificadas frente às medidas de contenção da pandemia da Covid-19. O estudo identificou que alguns jovens relataram maior afastamento familiar, e outros, uma aproximação com familiares da mesma casa, utilizando-se da “oportunidade” de passar mais tempo juntos. Segundo o que informaram Wendy et al.

(em Baptista & Fernandes, 2020), a forma preventiva de lidar com a pandemia da Covid-19 envolve o isolamento social como uma das principais medidas de contenção em diversos locais do mundo. Houve o fechamento de alguns locais e fronteiras como medida de cuidado, implementando a proibição de entrada de estrangeiros. Dessa forma, infere-se que as medidas de contenção da pandemia tiveram suas nuances diante de cada realidade familiar específica. Assim, os jovens experienciaram novas composições relacionais com pessoas que residem na mesma casa, proporcionado por um convívio maior, forçado pelas condições sanitárias do combate à Covid-19.

Verifica-se, assim, que as relações familiares, importantes para o amadurecimento psíquico em cada fase da vida, também se tornaram um desafio no período da pandemia. Os resultados trouxeram dados importantes no que se refere às necessidades de desprendimento que o adolescente precisa ter para o desenvolvimento da sua própria autonomia e descoberta da sua identidade. Assim, pode-se ver uma falta num aspecto importante que é a inserção no ambiente social (também no âmbito profissional e econômico), que é o sinal de finalização da adolescência, como uma forma de ingressar na sociedade adulta que é construída durante o período da puberdade (Formigli et al., 2000). Assim, visto na literatura, é de extrema importância haver algum distanciamento das relações familiares, no período da adolescência, propiciando um processo de individuação, ou pelo menos um início em relação ao processo de descoberta de si mesmo, formação da própria identidade, tentativa de aproximação com o outro, testagem dos seus próprios limites e frustrações necessárias para o amadurecimento do sujeito como um todo.

Somado a isso, introduzindo a segunda categoria - saúde emocional do adolescente, o trecho 4, extraído do artigo 3, apresenta as influências psíquicas advindas do isolamento em crianças e adolescentes, resultando em sérios episódios de depressão, ansiedade, medo, estresse e insônia. Esse artigo enfatiza os prejuízos constatados na saúde e bem-estar dos adolescentes. Alinhado ao que foi encontrado neste artigo, o artigo 5, no trecho 5, reforça a pesquisa sobre essa temática, confirmando que níveis relacionados a sentimentos de ansiedade, estresse e depressão tiveram relação direta com aspectos que foram vivenciados no contexto da pandemia da Covid-19. Com isso, pode-se relacionar ao que é apresentado na literatura por Aberastury e Knobel (1981), que há muitas mudanças de cunho psicológico na fase do desenvolvimento da adolescência, resultado de conflitos com a realidade do sujeito. Pode-se entender, assim, que a adolescência é uma fase repleta de modificações, tanto físicas quanto psicológicas, que fazem parte e são esperadas nesse processo de amadurecimento do sujeito. Com uma variável a mais - a pandemia - evidenciou-se novas formas de viver e se relacionar, necessária como medida de combate ao vírus, mas que

eliciou influências que, de acordo com a pesquisa realizada, podem ser consideradas negativas quando se trata do relacionamento consigo, com o outro e, especialmente entre pares na adolescência. Isso está relacionado ao que Erikson (1972) já sugeria, em que a construção da personalidade do sujeito terá influência do ambiente em que o mesmo está inserido.

No trecho 6, do artigo 3, reforça-se a necessidade da continuidade dos estudos e pesquisas para que possa ser acompanhado os efeitos do isolamento social no desenvolvimento dos sujeitos a longo prazo, resultado que, atualmente, ainda não é possível dimensionar tal questão. O que temos, no momento atual, como descrito no trecho 7, recorte do artigo 1, é que já existem artigos que revelam a existência de uma forte relação entre o isolamento social e os sentimentos de ansiedade e depressão, tanto em crianças como em adolescentes. Pode-se integrar esses achados com o que Lourenço et al. (em Florêncio Júnior et al., 2020), abordam na literatura que, ao ser necessário evitar o contato físico entre as pessoas e com o fechamento por longos períodos de tempo de locais como a escola, um dos principais espaços de convívio e interação social para crianças e jovens, sugere-se que há influência direta dessa falta de contato com os sentimentos que hoje são sentidos pelos adolescentes, prejudicando, assim, sua saúde mental. É também reforçado pela FIOCRUZ (2020) quando as pesquisas revelam que é possível presumir que os sujeitos estejam mais preocupados, alertas e confusos, com a falta de controle que a pandemia proporcionou, estimando, inclusive, que em torno de um terço à metade de toda a população irá experimentar algum sofrimento de ordem psicopatológica, principalmente se não tiver acesso a alguma forma de cuidado específico com a saúde mental. Com isso, os achados pela FIOCRUZ (2020) pontuam que o nível de fragilidade em que o sujeito se encontra poderá resultar em alguns impactos psicossociais.

Pensando nisso, com a preocupação sobre uma temática tão importante, um dos possíveis caminhos para a retomada da saúde mental é a busca pelo atendimento psicológico, citado no trecho 8, do artigo 4, identificando que as necessidades pelo acompanhamento psicológico dos adolescentes tiveram, em sua maioria, um aumento após a piora de sintomas já mencionados no período pandêmico. Esse aumento alerta para a necessidade de melhora da saúde mental dos jovens, que pode ser relacionado ao que Quiroga e Vitalle (2013) consideram, de que o adolescente, ao passar por uma fase instável, busca a posição de protagonista do seu ambiente, mas, ainda, necessita do outro para validar o reconhecimento da sua própria identidade. Pode-se perceber que, em função do afastamento do convívio social, é possível identificar o que Bulgacov et al. (2001) consideram quanto ao adolescente se submeter às dúvidas da sua própria identidade, da definição de normas e valores, sem

encontrar no outro o próprio reconhecimento, que permitirá ao adolescente a identificação ou diferenciação em relação aos demais.

Alinhado às modificações dos aspectos psicológicos, especialmente de questões relacionais dos adolescentes no período da pandemia, o estudo apresentado no artigo 7, relatado no trecho 9, possibilitou trazer mais informações a respeito dos sentimentos que foram experienciados, constatando sintomas com muitos agravantes para saúde mental e física, como a irritabilidade, modificações repentinas no comportamento e insônia. Aberastury e Knobel (1981) enfatizam a importância das influências exteriores que, de certa forma, serão determinantes na maneira pela qual o sujeito irá se expressar. Desta forma, pode resultar em sintomatologia agravada dos sentimentos em decorrência das consequências da pandemia, como relatado no trecho extraído do artigo 7.

Dessa forma, acredita-se que o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes pode estar prejudicado, uma vez que estão vivenciando as consequências do momento pandêmico, principalmente quanto à impossibilidade de ter contato presencial com iguais e experiências que possam proporcionar a formação de novas relações sociais. Considera-se importante refletir sobre possíveis mudanças nas vivências da adolescência, especialmente quanto aos aspectos de relacionamento entre pares. Talvez, pode-se pensar e/ou esperar mais dificuldades no que diz respeito a essa questão de relacionamentos, principalmente pelo fato de que a pandemia impôs um afastamento social que se entende fundamental ao desenvolvimento da adolescência. Sabe-se que a adolescência é uma fase de turbulências e agitação, na qual o sujeito é desafiado às modificações físicas e psicológicas que o período lhe proporciona, buscando ainda assim, encontrar seu lugar no mundo e formar sua própria identidade, diferenciando-se, por exemplo, das pessoas próximas, cultura e época em que se encontram inseridos. Entretanto, esse momento evolutivo teve que ser vivenciado com um novo obstáculo no contexto social, que é a pandemia da Covid-19 e suas diversas consequências, sejam elas de nível físico ou psicológico.

Introduzindo a categoria C - mudança nas relações sociais entre iguais, destaca-se o trecho 10 do artigo 1, que aborda como resultado das vivências da pandemia, o afastamento do convívio social diário. Esse distanciamento impossibilitou que os adolescentes pudessem estabelecer condições ou encontros exclusivos dessa faixa etária, importantes para o progresso do seu desenvolvimento, interferindo em alguns aspectos essenciais como: amadurecimento, autoconfiança e autoestima. Schoen-Ferreira et al. (2010) confirmam que é, ao longo de sua vida, a partir das experiências que o adolescente vive, que será caracterizado como ser único, mesmo após compartilhar características com seus grupos de iguais. Nesse ponto, Brun (2007) reforça a importância da amizade, por exemplo, enquanto

uma busca que acontece de forma natural por cada um dos sujeitos, e que, nesse encontro, há a possibilidade de desenvolvimento da autonomia do adolescente nas mais diversas formas de encontrar-se para ser e agir. Segundo a autora, existem construções que só poderão ser desenvolvidas fora do ambiente familiar, necessitando do contato próximo com seu semelhante para a promoção da própria identidade. Além disso, refletindo a partir do trecho 11, recorte do artigo 2, pode-se identificar que, alguns sujeitos que já tinham na sua forma de ser um lado mais introspectivo, vivenciaram o isolamento social como uma alternativa para evitar o contato, mantendo-se numa “zona de conforto” que não incentiva a socialização e, por consequência, novas descobertas típicas dessa fase. Por isso, essa possibilidade de evitação no convívio social, aumentado pela pandemia, pode-se perceber de forma prejudicial, pois conforme Ciampa (1990) nos revela, a identidade do indivíduo se concretizará por intermédio das relações sociais que são estabelecidas no decorrer das vivências do indivíduo, evidenciando, novamente, a importância dos aspectos relacionais para o desenvolvimento psíquico sadio. Também os autores Cooley et al. (em Ferreira et al., 2013) apontam preocupações no retraimento social de adolescentes, tendo em vista a importância estabelecida através das relações sociais.

O recorte do trecho 12, do artigo 2, demonstra os primeiros aspectos no que diz respeito às mudanças na forma de se relacionar em tempos pandêmicos. De modo mais conhecido e próximo aos adolescentes, encontram-se as mídias sociais como porta de entrada para que os sujeitos possam garantir a manutenção do convívio social com iguais e seus grupos. O uso de mídias sociais não foi uma opção de interação somente dos adolescentes. As mídias foram utilizadas também pelas escolas como uma das novas maneiras de comunicação, com o uso de plataformas digitais que fossem capazes de cumprir o seu papel educativo, mesmo com o desafio do afastamento social. As atividades educativas buscaram ser realizadas através da aplicação da modalidade remota de estudos, para aqueles com a possibilidade de usufruir do acesso à internet e tecnologias modernas. Ademais, aqueles que já não se encontravam inseridos num acesso ao mundo digital, além dos prejuízos acarretados como um todo pela pandemia, tiveram um afastamento também do meio educacional, proporcionando maiores defasagens educacionais que já eram sentidas mesmo antes do surgimento da Covid-19. Segundo Oliveira (1997), é importante ressaltar que um dos papéis fundamentais do ambiente escolar é a formação dos grupos, já que é o ambiente obrigatório e comum para a maioria das crianças e adolescentes. É nesse contexto que são vivenciadas situações e certos conhecimentos que só serão permitidos ao sujeito viver naquele espaço que, de certa forma, se nutre do que é externo, proporcionando, assim, a possibilidade do deslocamento necessário do primeiro grupo conhecido pelo adolescente -

grupo familiar, proporcionando uma vivência coletiva e plural, resultando na autonomia de escolha do sujeito pelo seu grupo de amizades, formado pela espontaneidade das suas próprias decisões e escolhas.

A partir do trecho 13, recortado do artigo 8, são apresentadas as principais observações feitas de mudanças no comportamento humano dos adolescentes, tendo como resultado questões pontuais como o aumento na quantidade de horas que os sujeitos ficam expostos às telas e o aumento, também, do sentimento de irritabilidade. Nesse mesmo contexto, apresentam-se outros fatores associados às modificações da pandemia, como sentimentos já citados em outras pesquisas, de tristeza, angústia e prejuízo no sono. Além disso, a queda no desempenho escolar também foi percebida com a mudança na rotina, após o fechamento das escolas, evidenciando a falta de contato físico com os grupos de amizade. Indo ao encontro de questões observadas na literatura, Miriam (2006) confirma que participar de grupos de pares, na adolescência, é significado de um comportamento saudável e, ao contrário disso, como visto no período de isolamento social, poderão ser desenvolvidas doenças relacionadas à saúde mental do sujeito, como depressão. É nos locais comuns e de encontro dos grupos que acontecem as interações necessárias para o desenvolvimento sadio do sujeito.

De acordo com isso, o trecho 14, do artigo 3, identifica que, apesar de termos a tecnologia como aliada para o crescimento de atividades a distância e favorecer o encontro virtual entre pessoas, o desenvolvimento social poderá ser limitado para crianças e jovens. Indo de encontro a esse trecho, o artigo 6, com o recorte 15, também apresenta resultados de que em relação às redes sociais, encontram-se conteúdos que estão diretamente relacionados novamente a um sintoma que foi evidenciado durante a pandemia, que é a ansiedade em jovens. Davim et al. (2009) afirmam que a busca pelo sentimento de prazer na adolescência é composta pelo sentimento de felicidade imediata, que tem como um dos motivos o encontro com amigos. Com isso, Ramírez-Ortiz et al. (2020) confirmam que vários são os fatores que podem ser motivadores para o surgimento da depressão e ansiedade nas pessoas que encontram-se em isolamento social, pois o sujeito sente que não tem como controlar o ambiente, causando-lhe, assim, o sentimento de incerteza que pode acarretar em planejamentos já estabelecidos, distanciando sua presença de ambientes sociais.

Portanto, nos resultados da categoria C, pode-se perceber que uma importante etapa para um desenvolvimento saudável do adolescente, psicologicamente, são as relações estabelecidas ao longo dessa fase, principalmente entre seus iguais. A relação social é a porta de entrada para que o sujeito possa ter o seu desenvolvimento individual, buscando

encontrar-se e diferenciar-se no meio em que vive, fortalecendo uma das necessidades básicas constituintes do ser humano, como uma forma de proteção física e psicológica.

Na presente pesquisa, foi possível identificar que o ser humano é eminentemente social, e o quanto isso está ligado às três categorias apresentadas, as quais se fazem necessárias para individualidade do sujeito, ou seja, na aprovação que busca para si mesmo, no outro - essencial como passagem no processo desenvolvimental de cada indivíduo, a partir de diversos níveis sociais. Assim, todos os sentimentos elencados no decorrer da discussão apontam para resultados de uma vivência diferente entre os adolescentes, podendo sinalizar algum prejuízo ou diminuição da qualidade de vida, pois a falta dos relacionamentos presenciais podem ser determinantes e comprometer a evolução psíquica dos sujeitos. Entretanto, para afirmar essa possibilidade de prejuízos são necessários mais estudos, sinalizando neste trabalho a necessidade de mais investigação quanto aos relacionamentos entre iguais na adolescência, nesse período pandêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o objetivo geral do presente estudo, que buscou identificar possíveis alterações e repercussões nos relacionamentos entre adolescentes no cenário da Covid-19, pode-se considerar que foram identificadas algumas questões que merecem uma reflexão sobre possíveis prejuízos. Reitera-se que a adolescência se refere a um processo de desenvolvimento com muitas alterações - físicas e psicológicas, e que a pandemia da Covid-19 pode ter propiciado alguns prejuízos. Porém, ainda não é possível mensurar como serão esses danos a longo prazo, pois a Covid-19 ainda é motivo de preocupação. Existe a possibilidade de se identificar que os próprios adolescentes vão dar conta desses prejuízos com o término dessas preocupações de contexto pandêmico, ainda é necessário aguardar, mas também ficar alerta para essas questões.

Considera-se, ainda, que foram contemplados os objetivos específicos destinados à essa pesquisa, como a busca por caracterizar aspectos que são fundamentais da fase do desenvolvimento da adolescência, descrever sobre a importância e os papéis dos relacionamentos de grupos na adolescência e, por fim, apresentar o cenário da pandemia da Covid-19, quanto às suas restrições e implicações, os quais foram de extrema importância para o desenvolvimento do estudo e elucidação dos aspectos descritos ao longo do trabalho.

Assim, retomando a conceituação descrita na literatura de que a fase do desenvolvimento da adolescência é esperado que os sujeitos vivenciem fatores intrínsecos a esse processo evolutivo, passando por desequilíbrios e instabilidades emocionais, que são necessárias para a organização da própria identidade (Aberastury & Knobel, 1981). Associado a isso, a busca pela identidade, se concretiza, por fim, a partir das relações sociais estabelecidas ao longo da vida (Ciampa, 1990). Nesse ponto, caracteriza-se a influência dos grupos enquanto fonte de referência para associação de normas e valores que também são partes importantes da identidade pessoal do sujeito, envolvendo em dois pólos diversos: identificação e diferenciação em relação aos grupos em que se encontram inseridos (Bulgacov et al., 2001). Um dos locais de fácil aproximação com os grupos de pares é a escola, espaço obrigatório, mas comum. Esse é um dos primeiros locais em que os adolescentes terão contato com o que é externo, abrindo possibilidades para se diferenciar, com suas próprias escolhas, do seu grupo primário - família (Oliveira, 1997).

Com a análise dos artigos selecionados como fontes para a discussão dos resultados, bem como com a integração de alguns aspectos da literatura estudada, foi possível constatar algumas mudanças importantes junto aos grupos de adolescentes em função das restrições causadas em prol das medidas de contenção da Covid-19. Apesar dessas mudanças terem

sido necessárias para o momento vivido, especificamente o isolamento social pode ter sido propulsor de situações que afetam diretamente a saúde mental dos adolescentes, de forma a iniciar, ou exacerbar alguma dificuldade de ordem psicológica.

Ao estudar o problema de pesquisa, que tinha por finalidade a verificação se os comportamentos havia, de fato, sido influenciados pela pandemia da Covid-19, foi possível perceber que esta foi, sem dúvidas, uma fase do desenvolvimento com grande prejuízo, já que a formação de grupos e o reconhecimento de iguais, para os adolescentes, é de extrema importância para o desenvolvimento sadio do mesmo. A partir do momento que lhes foram restringidas as formas de contato, a saúde mental pode ter sido influenciada, de forma negativa, pelas situações vivenciadas no modelo atual de cuidado com a vida.

Este trabalho pode ser considerado relevante por se tratar de um assunto atemporal quanto à fase do desenvolvimento da adolescência, e trazendo para um panorama atual, as consequências vividas em função de medidas de isolamento social dessa pandemia. Entende-se que esse assunto é de extrema importância para buscar a compreensão de como serão os comportamentos e as consequências disso a longo prazo, nas gerações futuras, tendo em vista o acesso que os jovens têm às redes sociais e como as relações estão se construindo a partir dessa interação totalmente distanciada do pessoal. E, devido à importância do assunto, torna-se de extrema importância a continuação dos estudos na área, para mais conhecimento sobre a temática.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal* (1ª ed; Ballve, S., M. G., Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Alencar Rocha, M. F. de., Veloso, W. G., Alencar Bezerra, R. E. de., Almeida Gomes, L. de. & Lucena Marcolino, A. B. de. (2021). O impacto da pandemia do Covid-19 na saúde infanto-juvenil: um estudo transversal. *Brazilian Journal of Health Review*, v.4, n.1, p.3483-3497. DOI:10.34119/bjhrv4n1-271.
- Andrade, L., Mauch, A., Costa, J., Silva, K., Almeida, L., Araújo, S., Souza, S., Nunes, T., & Souza, V. (2020). A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por Covid-19. *Health Residencies Journal - HRJ*, 1(2), 44–61. <https://doi.org/10.51723/hrj.v1i2.12>.
- Aun, H. A., Morato, H. T. P., Noguchi, N. F. de C., & Nunes, A. P. (2006). Transgressão e juventude encarcerada: outras versões a partir do plantão psicológico em unidades de internação da FEBEM/SP. *Imaginário*, 12(12), 35-53. Acesso em 25 de novembro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Baptista, A. B., & Fernandes, L. V. (2020). Covid-19, análise das estratégias de prevenção, cuidados e complicações sintomáticas. *Revista Desafios*. v. 7, n. Supl. 38-47 DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uftsuple2020-8779>.
- Barros, L. P., Gropo, L. N., Petribú, K. & Colares, V. (2008). Avaliação da qualidade de vida em adolescentes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 57(3), 212-217.
- Beserra, G. de L., Ponte, B. A. L., da Silva, R. P., Beserra, E. P., de Sousa, L. B., & do Amaral Gubert, F. (2016). Atividade de vida “comunicar” e uso de redes sociais sob a perspectiva de adolescentes. *Cogitare Enfermagem*, 21(1), 1-9.
- Binotto, B. T., Goulart, C. M. T., & Pureza, J. da R. (2021). Pandemia da Covid-19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes. *Psicologia E Saúde Em Debate*, 7(2), 195–213. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V7N2A13>.

- Brun, D. (2007). A gramática amorosa da amizade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 10, n. 2, 311-319. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982007000200011>.
- Bueno, F. T. C., Souto, E. P. & Matta, G. C. (2021). Notas sobre a trajetória da Covid-19 no Brasil. In: Matta, G. C., Rego, S., Souto, E. P. & Segata, J. eds. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Observatório Covid 19; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 27-39. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786557080320.0002>.
- Bueno, C. O., Strelhow, M. R. W. & Câmara, S. G. (2010). Inserção em grupos formais e qualidade de vida entre adolescentes. *Psico-USF*, v. 15, n. 3, 311-320.
- Bulgacov, Y. L., Ribeiro, A., Cobalchini, C., Souza, I., & Diório, Z. (2001). Identidade profissional e projeto de vida: leitura da construção da identidade em adolescentes. In Artigo apresentado no XXVIII Congresso Interamericano de Psicologia. Santiago: Chile.
- Cardoso C. P. & Cocco M. I. M. (2003). Projeto de vida de um grupo de adolescentes à luz de Paulo Freire. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 11, n. 6, 778-785. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692003000600012>.
- Cerqueira, E. (2021). Conexão Saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. In Matta, G. C., Rego, S., Souto, E. P. & Segata, J. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* (p. 209-219). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786557080320.0017>.
- Ciampa, A. da C. (1990). *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- Cruz, A. A. (2018). Adolescências na contemporaneidade. *21ª Semana de Mobilização Científica* (p. 483-492). Salvador, Brasil: UCSal.

- Cruz, D. A., Cavalcante, L. I. C., Costa E. F. & Pinheiro, K. V. (2021). Institucionalização e isolamento social: reflexões acerca da saúde mental de crianças e adolescentes. In M. C. Zago (Orgs.), *Saúde mental no século XXI: indivíduo coletivo e pandêmico*. (pp. 166-177). Guarujá, SP: Editora Científica.
- Davim, R. M. B., Germano, R. M., Menezes, R. M. V. & Carlos, D. J. D. (2009). Adolescente/Adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. *Revista Rene*, v. 10, n. 2, 131-140.
- Dias, J. A. A., Dias, M. F. S. L., Oliveira, Z. M., Freitas, L. M. A., Santos, N. C. N. & Freitas, M. C. A. (2020). Reflexões sobre distanciamento, isolamento social e quarentena como medidas preventivas da Covid-19. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 10:e3795, 1-8. DOI: <https://doi.org/10.19175/recom.v10i0.3795>.
- Draibe, S. M. (1994). Por um reforço da proteção à família: contribuição à reforma dos programas de assistência social no Brasil. *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 109-130.
- Eizirik, C. L. & Bassols, A.M. S. (2013). *O Ciclo da Vida Humana*. Grupo A. Acesso em 28 de novembro de 2021 de <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788565852456>.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Ferreira, D., Santos, A. J., Ribeiro, O., Freitas, M., Correia, J. V. & Rubin, K. (2013). Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. *Análise Psicológica*, v. 2, 117-127. DOI: 10.14417/ap.591.
- FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. (2020). Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial - Informações Gerais. Acesso em 20 de março de 2022 de <https://portal.fiocruz.br/documento/cartilha-saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-Covid-19>.

- Florêncio Júnior P. G., Paiano R. & Costa A. S. (2020). Isolamento social: consequências físicas e mentais da inatividade física em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 25:e0115, 1-2. DOI: 10.12820/rbafs.25e0115.
- Formigli, V. L., Costa, M. C., & Porto, L. A. (2000). Avaliação de um serviço de atenção integral à saúde do adolescente [Evaluation of a comprehensive adolescent health care service]. *Cadernos de saúde pública*, 16(3), 831–841. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2000000300031>.
- Freitas, A. R. R., Napimoga, A. & Donalizio, M. R. (2020). Análise da gravidade da pandemia Covid-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, n. 2, 1-5. DOI: 10.5123/S1679-49742020000200008.
- Garrido, R. G., & Garrido, F. S. R. G. (2020). COVID-19: Um panorama com ênfase em medidas restritivas de contato interpessoal. *Interfaces Científicas -Saúde e Ambiente*, 8(2), 127–141. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3798.2020V8N2P127-141>.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4ª ed). São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Holanda, V. N. (2020). Pandemia de Covid-19 e os esforços da ciência para combater o novo coronavírus. *Revista Interfaces*. v. 8, n. 1, 360-361. DOI: 10.16891/2317-434X.v8.e1.a2020.pp360-361.
- Koller, S. H., Couto, M. C. P. de P. & Von Hohendorff, J. (2014). *Manual de produção científica*. Porto Alegre: Penso.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. (1ª ed., Heloísa Monteiro e Francisco Settineri) Porto Alegre: Artmed.
- Miriam, H. (2006). *Adolescência e saúde: uma visão preventiva para profissionais de saúde e educação*. Petrópolis: Vozes.

- Oliveira, A. A. de. (1997). Família e amigos: dois grupos decisivos na formação da identidade do adolescente. *UNICIÊNCIAS*, v. 1, n. 1, 11-23.
- Oliveira, M. C. S. L. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em estudo. Maringá*, v. 11, n. 2, 427-436.
- Oliveira, W. F. de. (2007). Educação social de rua: bases históricas, políticas e pedagógicas. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, v. 14, n. 1, 135-158. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000100007>.
- Oliveira, A. C., Lucas, T. C. & Iquiapaza, R. A. (2020). O que a pandemia da Covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? *Texto & Contexto enfermagem*. v. 29, 1-15. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0106>.
- Quiroga, F. L. & Vitalle, M. S. de S. (2013). O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. *Revista de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro*, v. 23, n. 3, 863-878.
- Ramírez-Ortiz, J., Castro-Quintero, D., Lerma-Córdoba, C., Yela-Ceballos, F., & Escobar-Córdoba, F. (2020). Consequences of the Covid-19 pandemic in mental health associated with social isolation. In *SciELO Preprints*, 1–21. DOI: <https://doi.org/10.1590/SCIELOPREPRINTS.303>.
- Santos, C. do. (2021). Covid-19 e saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais. *Revista Holos - ISSN 1807-1600*. DOI: 10.15628/holos.2021.11651.
- Santos, L. C., Pinheiro, T. J. S., Andrade, T. I. X. de, Sousa, H. A., Braga, P. P. & Romano, M. C. C. (2021). Impactos psicossociais do isolamento social por COV Impactos psicossociais do isolamento social por COVID-19 em crianças, 19 em crianças, adolescentes e jovens: scoping review *scoping review. Revista de Enfermagem da UFSM*, v. 11, e73, p. 1-19, ISSN 2179-7692. DOI: 10.5902/2179769265407.

- Santos, K. A. M., Miura, P. O., Melo Barboza, A. M. de. & Santos Lima Araújo, C. G. dos. (2022). Quais os significados sobre família em situação de pandemia para os adolescentes?. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 01, p. 193-203, ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.08222021>.
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L. & Demenech, L. M. (2020). Saúde e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200063, 1-13. DOI: 10.1590/1982-0275202037e200063.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M. & Silvaes, E. F. M. (2010). Adolescência através dos Séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n. 2, 227-234.
- Silva, D. S. da., Schröder, N. T. & Gedrat, D. C. (2022). Promoção da saúde mental: o atendimento de adolescentes com sintomas depressivos em uma clínica-escola. *Research, Society and Development*, 11(2), e50811225980 <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25980>.
- Silva, W. C. da., Silva, C. O. da., Melo, K. C., Soares, A. N., et al. (2021). Explorando os impactos na saúde mental de crianças durante a pandemia de Covid-19. *International Journal of Development Research*, 11(4), p. 46248-46253, ISSN: 2230-9926. <https://doi.org/10.37118/ijdr.21683.04.2021>.
- Silveira Goldani Pinheiro, A. M. da ., Pacheco, P. M. de A., Campos, L. A. M., Behar, C. B., & Oliveira, T. M. A. de . (2022). Ansiedade e isolamento social na adolescência: como manejar?. *RECISATEC - Revista Científica Saúde e Tecnologia - ISSN 2763-8405*, 2(2), e2276. <https://doi.org/10.53612/recisatec.v2i2.76>.
- Szwarcwald, C. L., Souza Júnior, P. R. B. S., Malta, D. C., Barros, M. B. A., Magalhães M. A. F. M., Xavier, D. R., Saldanha, R. F., & et al. (2020). Adesão às medidas de restrição de contato físico e disseminação da COVID-19 no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. Brasília. 29(5), 1-11. DOI: 10.1590/S1679-49742020000500018.
- Tomio, N. A. O. & Facci, M. G. D. (2009). Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. *Revista Teoria e Prática da Educação*. v. 12, n. 1, 89-99.

Vitiello, N. (1997). *Sexualidade: quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores*. São Paulo: Iglu.

Werneck, G. L. & Carvalho, M. S. (2020). A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cadernos de Saúde Pública*. v. 36, n. 5, 1-4. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00068820>.